

“Nora”: uma pequena tradução entre o Liffey

Sobre a autora: Nuala O’Connor é uma romancista e poetisa irlandesa. Ela se formou no Trinity College Dublin com bacharelado em língua irlandesa e na Dublin City University com mestrado em Estudos de Tradução. Em 2022, Nuala ganhou o prêmio Writing.ie Irish Short Story of the Year no An Post Irish Book Awards por sua história ‘This Small Giddy Life’, da antologia de New Island, *A Little Unsteadily Into Light*.

Seu quinto romance, *Nora* (2021), foi recentemente publicado com aclamação da crítica nos EUA, Irlanda, Reino Unido, Alemanha, Croácia e Holanda.

Sobre o tradutor: Victor Fermino da Silva é Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo na área de Formação, Currículo e Práticas Pedagógicas. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2021). Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (2018). Membro da James Joyce Foundation e da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI).

Resumo: Neste artigo, buscamos traduzir o primeiro capítulo do romance *Nora*, da autora irlandesa Nuala O’Connor. O romance tece sua narrativa biográfica de Nora Barnacle usando artifícios de ficção e não-ficção para relatar a vida da esposa e musa de James Joyce. Antes disso, explico um pouco da decisão de traduzir esse livro e esse trecho em específico usando como base teórica os escritos tradutórios de Dirce Waltrick do Amarante sobre o que constitui uma tradução. Ao fim do trabalho, explicamos um pouco mais as razões pelas quais acreditamos que este texto representa uma importante mudança de paradigma na cultura de estudos joyceanos no mundo.

Palavras-chave: Nora, Tradução, Literatura, James Joyce.

Abstract: In this article, we seek to translate the first chapter of the novel *Nora*, by Irish author Nuala O’Connor. The novel weaves its biographical narrative of Nora Barnacle using fiction and nonfiction devices to chronicle the life of James Joyce’s wife and muse. Before that, I explain a little about the decision to translate this book and this specific excerpt using as a theoretical basis the translation writings of Dirce Waltrick do Amarante on what constitutes a translation. At the end

of the work, we explain a little more about the reasons why we believe that this text represents an important paradigm shift in the culture of Joycean studies around the world.

Keywords: Nora, Translation, Literature, James Joyce.

Notas do tradutor

O primeiro grande obstáculo para a tradução se deu em dois planos: o primeiro, se valia a pena tomar as traduções de *Ulysses* como luz orientadora; o segundo, se, tomando as traduções de *Ulysses* como base, deveríamos nos inspirar em A, B ou C. Após alguns dias de ponderação, optei por usar as traduções da obra de Joyce não como luz orientadora e cegante, mas como um mero farol no oceano que é o romance de Nuala O’Connor. É, afinal, a tradução da obra dela, e não da obra de Joyce: é importante dar atenção à voz, ao *ethos* discursivo e à arte da autora escolhida, e não daquele que inspirou a história do romance. Com isso em mente, surgiu o seguinte dilema: será que eu deveria fazer como Houaiss e tentar corresponder gírias irlandesas de 1904 às gírias cariocas de 1904? Não seria difícil ir além e usar o vocabulário do Modernismo paulistano. Mas após algumas leituras, especialmente de *Metáforas da Tradução*, senti que seria injusto não celebrar um pouco do estilo de Bernardina da Silveira Pinheiro, que, na introdução à sua tradução de *Ulysses*, diz que queria mostrar que a leitura daquele romance não era uma aventura intransponível, que a linguagem de Joyce não era tão difícil e pesada quanto se dizia, mas uma linguagem coloquial convidativa e ao alcance do leitor, embora lexicalmente muito rica” (Pinheiro, 2007, p. 14).

A escolha do texto sobre Nora se deve a muitas razões, que ficaram evidentes durante minha estadia em Dublin: embora Joyce não fosse um romântico no sentido de que ele não se contentava em escrever apenas sobre sua percepção sobre o presente, é evidente que há algo de sentimental transbordando nas páginas de *Ulysses*, e seu primeiro encontro com sua musa, relatado na prosa de O’Connor, faz emergir uma significação do Bloomsday muitas vezes esquecida. Mais do que uma obra-prima da técnica do romance, o clássico de 1922 é uma carta de amor à vida cotidiana e a seus problemas. O ato de beijar alguém pela primeira vez na ponte Ha’Penny que cruza o rio Liffey pode ensinar mais sobre a essência de *Ulysses* do que uma leitura cuidadosa dos textos acadêmicos de apoio nas diversas edições anotadas do romance. Há algo na escrita de Joyce que implora ao leitor uma vivência e uma perdição constantes, seja na confusão durante a leitura, seja na observação erótica do mundo ao seu redor.

Embora Joyce nunca tenha afirmado que Molly era o retrato de Nora, com certeza a linguagem do monólogo final de *Ulysses* foi parcialmente calcado no estilo das cartas de Nora, que, embora ainda não divulgadas na íntegra, eram compostas, conforme afirmam os biógrafos, com frases longas, desconexas e sem pontuação (as cartas de Joyce a Nora, aliás, tampouco obedecem às regras gramaticais nesse quesito). Além disso, tanto Molly quanto Nora recebiam e apreciavam cartas obscenas escritas por seus respectivos maridos. (Amarante, 2012, p. 425)

O fato de não termos uma tradução integral de alguns textos biográficos no campo de estudos joycianos no Brasil não é necessariamente um problema dos tradutores, mas de uma dificuldade editorial em encarar as obras de nomes como Brenda Maddox, Stanislaus Joyce e Richard Ellmann além da importância acadêmica. A *Nora* de O' Connor, no entanto, tem um apelo mais geral, mas que bebe da fonte desses textos mais difíceis para tornar a vida de Nora Barnacle em boa literatura. Esse primeiro capítulo do romance traz muito do que se associa a um Joyce menos técnico e mais humano. Parafraçando Declan Kiberd em *Ulysses and Us*, “Mas foi a universidade corporativa – e não o leitor individual liberado – que tomou as rédeas da interpretação. A universidade elogiou Joyce como tecnicista supremo e ignorou *Ulysses* como exemplo moderno da literatura de sabedoria” (Kiberd, 2009, p. 30-31, tradução nossa¹).

1 But it was the corporate university – and not the liberated individual reader – which took over the work of interpretation. That university praised Joyce as the supreme technician and ignored *Ulysses* as a modern example of wisdom literature.

Tradução:

Muglins

Dublin

16 de junho de 1904

Nós andamos juntos do rio Liffey² até Ringsend. O rio cheia a bebum espalhando seu muco ao mar³. Nós paramos em um muro, Jim em seu chapéu de marinheiro, parecendo um Sueco. Eu com meu chapéu de palha de aba larga, tentando me desfazer da timidez⁴.

“Ali estão as rochas da Muglins,” disse Jim, apontando para o mar. “Elas têm o formato de uma mulher deitada de costas.”

O olhar dele para mim é sonso⁵, para ver se eu entendi o que ele quis dizer. Eu entendi e nossas duas bocas se encontram juntas e tudo vira um emaranhado de línguas inchadas e cuspe gotejante e nossas caras⁶ pressionadas fortemente e uma sensação apertadinha entre minhas pernas. As mãos dele viajam pelo meu corpete e o apertam, fazendo-me suspirar.

“Ó Jim,” é tudo que eu consigo me levar a dizer e então me afasto dele.

“Você não tem vergonha, Nora,” diz ele, enquanto vem a mim com sua coisa para fora das calças e em sua mão, aquele homenzinho caolho⁷ pelo qual ele sem dúvidas nutre muito carinho. Ele se parece, eu acho, com uma ameixa coberta com um casaco de frio.

“Sem vergonha?” eu digo. “Não me irrite. Você acha que porque eu sou uma mulher eu não devo sentir nada, querer nada, saber nada?” Mas eu afundo meu nariz no pescoço dele por um momento⁸, para melhor respirar aquele cheiro de cerveja velha e sabonete de limão⁹. Novidade para mim.

2 No original, O’ Connor usa apenas “We walk along the Liffey”, mas alguns marcos geográficos de Dublin necessitam de mais contexto

3 No original, ela usa o termo “pisspot”, que se refere tanto a potes de urina quanto a bêbados. No caso, poderíamos ter traduzido “pisspot spreading their mucus” da forma literal para manter a mensagem de odor de urina no Liffey, mas dentro da narrativa, o que faz sentido é a imagem do cheiro de embriaguez invadindo o relacionamento entre Jim e Nora.

4 No original, “throwing the provinces off me”

5 Alguns adjetivos eu optei em importar livremente da tradução da Bernardina Pinheiro. No caso, o “His look to me is sly” eu traduzi usando uma expressão que Molly Bloom usa ao falar do “olhar sonso” (“sly eye”), em oposição ao “olho sonso” de Houaiss ou “olho safado” de Galindo.

6 No original, “fronts”, que poderia ser muito bem traduzido para “rostos”, mas optamos por usar “caras” para estabelecer a linguagem mais informal de Nora

7 No original, “one-eyed maneen”

8 No original, “dip my nose to his neck for a second”

9 No original, “his stale porter, lemon soap smell”

Jim cerra os olhos e sorri. Eu me ajoelho no chão a sua frente, meu rosto perante seu homenzinho, olho para ele; Jim abaixa a cabeça, para melhor ver minha boca se fechando sobre aquilo. Tem gosto de sal e de calor, a sensação é grossa e animalesca. Eu chupo, mas só para sentir o gosto¹⁰, então eu recuo e beijo o comprimento da coisa com meus lábios. Eu me levanto.

“Aí,” eu digo, “aí está um beijo tão desavergonhado quanto o de Judas e não me diga que não é exatamente o que você queria, Jim Joyce.”

Um grunhido. Ele quer um pouco mais, é claro, mas aquilo pode ser o suficiente por hoje, nossa primeira vez caminhando juntos. Nós nos beijamos de novo e ele permeia em minha boca, querendo aproveitar o gosto de si mesmo em minha língua. Suas patas viajam por mim, frente e costas. Ó, mas ele é incansável. Então eu o desabotoo, coloco minhas mãos em suas cuecas, e embrulho meus frios dedos ao redor do seu calor. Um gemido. Eu trabalho nele lentamente, lentamente, rapidamente até ele sentir prazer, até meu punho estar¹¹ morno e molhado dele.

“Você fez um homem de mim hoje, Nora,” diz Jim, um sussurro abafado, e eu sorrio. É raro que um rapaz diga uma coisa assim e eu sinto um pouquinho de poder me subir, um pouquinho de alegria.

Eu me limpo com meu lenço e Jim arruma suas roupas. Eu estendo minha mão e Jim a pega e juntos continuamos a caminhar.

Original:

Muglins

Dublin

JUNE 16, 1904

WE WALK ALONG BY THE LIFFEY AS FAR AS RINGSEND. THE river smells like a pisspot spilling its muck to the sea. We stop by a wall, Jim in his sailor's cap, looking like a Swede. Me in my wide-brim straw, trying to throw the provinces off me.

“Out there are the Muglins Rocks,” Jim says, pointing out to sea. “They have the shape of a woman lying on her back.”

His look to me is sly, to see if I've taken his meaning. I have and our two mouths crash together and it's all swollen tongues and drippy spit and our fronts pressed hard and a tight-bunched feeling between my legs. His hands travel over my bodice and squeeze, making me gasp.

10 No original, “I suck, but just for a spell”

11 No original, “until my fist is”

“Oh Jim,” is all I can manage to say and I step away from him.

“You have no natural shame, Nora,” he says, and he’s coming at me now with his thing out of his trousers and in his hand, that one-eyed maneen he’s no doubt very fond of. It looks, I think, like a plum dressed in a snug coat.

“No natural shame?” I say. “Don’t be annoying me. Do you think because I’m a woman that I should feel nothing, want nothing, know nothing?” But I dip my nose to his neck for a second, the better to breathe his stale porter, lemon soap smell. Span-new to me.

Jim squints and smiles. I kneel on the ground before him, my face before his tender maneen, glance up at him; Jim drops his head, the better to see my mouth close over it. The taste is of salt and heat, the feeling is thick and animal. I suck, but only for a spell, then I draw back and peck the length of it with my lips. I stand.

“There,” I say, “there’s a kiss as shameful as Judas’s and don’t tell me it isn’t exactly what you wanted, Jim Joyce.”

A groan. He wants that bit more, of course, but that might be enough for today, our first time to walk out together. We kiss again and he lingers in my mouth, wanting to enjoy the taste of himself on my tongue. His paws travel over me, front and back. Oh, but he’s relentless. So I unbutton him, put my hand into his drawers, and wrap cool fingers around his heat. A gasp. I work him slow, slow, fast until he’s pleased, until my fist is warm and wet from him.

“You’ve made a man of me today, Nora,” Jim says, a coddled whisper, and I smile. It’s rare to have a fellow say such a thing and I feel a small bit of power rise up through me, a small bit of joy.

I wipe myself with my handkerchief and Jim fixes his clothes. I hold out my hand and Jim takes it and together we walk on.

Considerações finais

O tradutor como *stalker*. É assim que Amarante o caracteriza, usando um termo derivado do livro *Piquenique na Estrada* (1971) (tradução de Tatiana Larkina). Na obra, os *stalkers* são guias para pessoas que querem explorar a *Zona*, uma área radioativa e inacessível para aqueles que não conhecem e respeitam formas de adentrá-la. “Cabe lembrar que os *stalkers* sabem que para se mover na Zona precisam ‘seguir as instruções’, que, no caso dos tradutores, poderiam estar nas teorias literárias e tradutórias” (Amarante, 2022, p. 32). Novamente, surge aqui a metáfora da perdição. Da confusão. O *stalker*, como um bom professor, compreende a tarefa pedagógica de se permitir se perder enquanto guia seus pupilos a se perderem com um certo cuidado. Há algo de professoral no trabalho de se perder, que é ecoado tanto pelos *stalkers* quanto pelos tradutores. Tanto a tradução de *Ulysses*

quanto de *Nora* compõem *Zonas* nas quais se perder corretamente demanda grande compreensão biográfica e sobre o que há de humano nas obras. A ideia desta tradução não é de uma força bruta que torna o texto eminentemente inteligível para quem não domina a língua inglesa, mas de profanar a sua zona semiótica e ajudar o leitor a receber o que há de clássico e de romântico no primeiro encontro amoroso entre Jim e Nora.

Publicado originalmente em 2021, *Nora* representa um momento feliz no campo dos estudos joycianos na própria Irlanda. Por vezes, a cena de estudos de Joyce na Europa parece academicamente encastelada em discussões “decoloniais” vazias. Não é difícil encontrar artigos e textos que apontam as críticas e contradições da obra de Joyce quando se fala de imigração, sexismo, antisemitismo e heteronormatividade, mas Dublin permanece sendo uma cidade na qual a xenofobia se mostra presente, bastando um cabelo afro e uma pele escura para ser tratado como animal até nos cantos mais gentrificados da cidade. A questão dos banheiros femininos na cidade, explorada por Leopold Bloom, continua um grande problema, inclusive em lugares dedicados a lucrar com a imagem de Joyce. E estudantes, europeus ou não, estão condenados a esquemas de moradia mais predatórios do que o que havia na época que Joyce já queria sair da Irlanda.

A onda de imigração na Irlanda, embora mais proveitosa para a indústria de especulação imobiliária do que para os imigrantes que aceitam trabalhar recebendo salário mínimo sem direitos trabalhistas, ao menos serve para produzir novas ideias nos campos intelectuais. Mais do que usar *slogans* como “decolonial” para decorar discussões já cansadas sobre os mesmos textos, a presença de imigrantes brasileiros, chineses, iranianos, paquistaneses, indianos e de outras nacionalidades provoca um interesse em novas áreas de conhecimento. No *James Joyce Symposium* de 2022 (comemorativo do centenário da obra), houve mesas dedicadas a estudos queer e migratórios. É fato que isso não mudou muito na realidade material da cidade, mas foi ilustrativa de uma mudança cultural. E a língua portuguesa, que abriga tantos textos de Joyce (e deve abrigar muito mais no futuro), é provavelmente mais falada e ouvida no centro da cidade do que o irlandês.

Nora, então, não é um texto de uma imigrante nem uma tentativa de trazer uma perspectiva decolonial para os estudos joycianos. É um texto irlandês sobre uma mulher que viveu e sofreu na cidade. É particular. Íntimo. É uma obra que, em forma e conteúdo, desconstrói a aparente monumentalidade de Joyce e nos traz de volta ao chão, nas ruas perpendiculares ao rio Liffey. Em seu primeiro capítulo, *Muglins*, somos felizmente lembrados daquilo que a mente erótica de Joyce tanto buscou reproduzir e representar. Há uma importância em preservar a memória do

passado e as expectativas do futuro enquanto nos perdemos no presente, e traduzir *Nora* foi uma forma de ilustrar esse *aqui e agora*.

Trabalhos citados

AMARANTE, D. W. do. A Voz de Nora Barnacle. *Scientia Traductionis*, n. 12. 2012.

AMARANTE, D. W. do. **Metáforas da Tradução**. São Paulo: Iluminuras. 2022.

KIBERD, D. **Ulysses and Us**: The Art of Everyday Life in Joyce’s Masterpiece. W. W. Norton and Company. 2009.

PINHEIRO, B. S. Introdução. *In*: **Ulisses**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2007.